

## **Perspectivas e desafios para a pesquisa de um jornalismo globalizado**

Juliana Fernandes Teixeira

*LÖFFELHOLZ, Martin;  
WEAVER, David (orgs.).  
**Global Journalism  
Research: theories,  
methods, findings, future.**  
Reino Unido: Blackwell  
Publishing Ltd, 2008, 305p.*

O jornalismo global contemporâneo é caracterizado não apenas pela crescente homogeneização das estruturas e dos padrões de produção, mas também pela diferenciação evidente da representação da cultura jornalística nas diversas sociedades. A partir desse contexto, a coletânea “Global Journalism Research” pretende abordar a atual pesquisa em jornalismo, tanto da perspectiva local e regional, quanto da global. Com isso busca apontar pistas para o desenvolvimento de novas teorias e metodologias de pesquisa sobre a atividade jornalística enquanto uma prática global. O livro está estruturado em cinco partes: 1) Introduction to journalism research; 2) Theories of journalism research; 3) Methodology and methods of journalism research; 4) Selected paradigms and findings of journalism research e 5) The future of journalism research.

Os organizadores, Martin Löffelholz, da Universidade de Ilmenau, na Alemanha, e David Weaver, da Universidade de Indianápolis, nos Estados Unidos (p.xiii), destacam que o livro tem quatro objetivos centrais: 1) a apresentação das principais abordagens teóricas, levando em conta que a pesquisa em jornalismo não pode mais ser realizada com base em fronteiras nacionais ou culturais; 2) a descrição da metodologia da pesquisa comparativa em jornalismo e das principais ferramentas para

*ECO-Pós, v.12, n.3, setembro-dezembro 2009, p. 219-227.*

realização de estudos empíricos; 3) a oferta de uma perspectiva global da pesquisa em jornalismo através da apresentação dos paradigmas e estudos desenvolvidos na Ásia, na África, na Europa, na América do Norte e na América Latina; e 4) o levantamento de questões sobre como a globalização tem afetado a pesquisa em jornalismo enquanto disciplina, além da apresentação dos desafios enfrentados atualmente pelos paradigmas tradicionais.

Na introdução da coletânea, Weaver e Löffelholz (p.3-12) afirmam que é possível verificar um crescimento no interesse pelos estudos em jornalismo em diversos países nas últimas décadas. Esses sinais tornam-se ainda mais visíveis se considerarmos o aumento do número de publicações e artigos apresentados em congressos acadêmicos e de novos periódicos científicos e livros voltados ao assunto. A contínua institucionalização dos estudos em jornalismo não apenas demonstra o crescimento da importância dessa área de conhecimento, como também revela que o jornalismo não pode mais operar dentro de limites nacionais ou culturais. Afinal, a hibridização das culturas tem gerado um ambiente midiático global, onde o jornalismo está se tornando um fenômeno globalizado que afeta o conteúdo de toda a mídia, o processo de produção de informações e até mesmo as bases de trabalho de jornalistas de diferentes países.

Nesse sentido, os estudos comparativos entre diferentes culturas e países, argumentam os organizadores, são cada vez mais necessários. O crescimento desse tipo de investigação já indica que as pesquisas em jornalismo têm ultrapassado as fronteiras culturais e nacionais. Uma nova realidade que implica novos desafios para os pesquisadores da área, que precisam estabelecer cooperações em nível internacional. É especialmente por isso que o livro se propõe a apresentar uma compreensão geral da pesquisa em jornalismo, a partir de teorias, métodos e paradigmas de diferentes regiões do mundo, assim como o futuro da pesquisa em um jornalismo globalizado.

### **TEORIAS DA PESQUISA EM JORNALISMO**

Essa seção da coletânea oferece um panorama das principais teorias da pesquisa em jornalismo. São apresentadas as teorias necessárias à compreensão dos aspectos culturais, estruturais e funcionais do jornalismo enquanto um conjunto de sistemas e práticas, a partir de diversos tipos de análise (psicológico, organizacional, social e cultural) e de diferentes dimensões do jornalismo.

Manfred Rühl, da Universidade de Bamberg, na Alemanha, (p.28-38) defende que as macro-concepções derivadas das abordagens sociológicas clássicas

podem se constituir como ferramentas para a melhor compreensão do jornalismo em uma sociedade cada vez mais globalizada. Rühl é um dos pioneiros na introdução das teorias dos sistemas sociais nos estudos de jornalismo, que passaram a considerar os meios jornalísticos como organizações sociais. As abordagens sociais e culturais do jornalismo são baseadas na ideia de que os jornalistas, enquanto indivíduos, estão conectados a aspectos macro do jornalismo, como fatores econômicos e políticos. John Hartley, da Universidade Queensland, na Austrália (p.39-51), argumenta que uma abordagem cultural do jornalismo é necessária nesse sentido, até porque é preciso analisar a subjetividade dos leitores e das audiências, a fim de termos acesso aos impactos ideológicos, políticos e econômicos da mídia noticiosa.

Klaus-Dieter Altmeyden, da Universidade Católica de Eichstaett-Ingolstadt, na Alemanha (p.52-64), sustenta que o emprego da abordagem organizacional, descrita no contexto da estrutura da produção jornalística, é importante na medida em que revela que a cobertura noticiosa não é resultado apenas do trabalho individual dos jornalistas, mas depende também das especificidades organizacionais, das funções desempenhadas pelos jornalistas e das influências das novas tecnologias e dos aspectos mercadológicos nesse processo.

Wolfgang Donsbach, da Universidade de Dresden, na Alemanha (p.65-78), se baseia na abordagem psicológica para desenvolver uma perspectiva mais teórica de explicação das decisões jornalísticas sobre o que é ou não notícia. Para isso, o autor emprega as teorias psicológicas de validação social e de percepção e atenção seletivas.

Gertrude Robinson, da Universidade McGill no Canadá (p.79-89), chama a atenção para a necessidade de incluir a questão de gênero como um dos principais elementos constitutivos da sociedade humana. Como todas as interações são influenciadas por essa questão, a pesquisa em jornalismo deve analisar os preconceitos sistêmicos de gênero também dentro da profissão jornalística.

No capítulo que abre a primeira parte da obra, “Heterogêneos – Multidimensionais – Concorrentes – Abordagens teóricas do jornalismo – um panorama”, Löffelholz (p.15-27) descreve os estudos em jornalismo como um campo de pesquisa marcado pela pluralidade e dinamicidade, dentro da grande área da ciência da comunicação, o que gera discursos teóricos heterogêneos, multidimensionais e repletos de competições entre ideias. Até porque, pesquisadores de todo o mundo tem tentado solucionar as principais problemáticas do jornalismo através de estudos empíricos e do

desenvolvimento de teorias sobre as estruturas e as funções do jornalismo em diversas culturas.

Hoje, sabemos que a Internet gerou e ainda irá gerar mudanças expressivas, especialmente na distribuição de informações. O advento da *web*, associado ao processo de globalização, alterou a estrutura e a economia de organizações midiáticas de todo o mundo e as suas audiências. Diante desses desafios, o jornalismo deverá se adaptar, o que, provavelmente, irá gerar transformações também no trabalho teórico em jornalismo. Mas, Löffelholz (p.25) alerta, não podemos apenas transferir as teorias do jornalismo dos meios tradicionais para a Internet. Como o desenvolvimento das teorias do jornalismo não segue uma estrutura linear ou cumulativa, o progresso não significa a substituição de teorias “ultrapassadas”, mas o ganho de complexidade através da emergência de novas teorias e da reformulação das antigas. Afinal, a pesquisa em jornalismo não é um campo homogêneo, nem há tendências centrais no trabalho teórico.

## **METODOLOGIAS E MÉTODOS DA PESQUISA EM JORNALISMO**

Como a pesquisa em jornalismo não pode ser realizada sem ferramentas metodológicas, essa seção do livro dedica capítulos específicos às metodologias clássicas: *survey*, análise de conteúdo e observação. A coletânea oferece ainda um capítulo sobre a pesquisa comparativa, em função da crescente necessidade de realização de estudos sobre jornalistas de diferentes países no contexto da globalização.

No capítulo “O jornalismo comparativo entre fronteiras culturais – o estado da arte, estratégias, problemas e soluções”, Thomas Hanitzsch, da Universidade de Zurich (p.93-105), afirma que, embora a pesquisa comparativa em jornalismo venha adquirindo relevância nos últimos anos, essa metodologia ainda é pouco discutida e a maioria dos estudos possui deficiências teóricas e conceituais. Mas, o autor acredita que os estudos comparativos são essenciais, se não a mais importante estratégia para a compreensão da natureza do jornalismo e de seu funcionamento em diferentes culturas.

No capítulo sobre *surveys*, Weaver (p.106-116) afirma que entre as vantagens das entrevistas com jornalistas, as mais conhecidas são a representatividade e a generalização, já que com base em uma amostra adequada de um grupo bem-definido de jornalistas, é possível realizar generalizações para grupos grandes. Porém, as *surveys*

são mais apropriadas na apresentação das características e opiniões básicas dos jornalistas, do que na análise do seu comportamento real.

Christian Kolmer, do Media Tenor Institute, na Alemanha (p.117-130), defende que a análise de conteúdo é uma das principais ferramentas de estudo das atividades dos produtos jornalísticos. Até porque, embora a relação entre os jornalistas e as suas motivações e objetivos variem, uma análise científica do processo de produção jornalística permite avaliar a relevância dos aspectos culturais, políticos e econômicos para a elaboração do conteúdo da mídia. Mas, cabe destacar que, além de ser tradicionalmente quantitativa, essa metodologia permite conhecer os produtos e não os processos jornalísticos.

O capítulo de Thorsten Quandt, da Universidade Livre de Berlim (p.131-141), enumera as possibilidades da observação enquanto um método científico de coleta de dados, entre as quais se destacam: servir a propósitos formulados pela pesquisa; ser planejada e registrada sistematicamente; estar relacionada a proposições gerais; e estar sujeita a controles de validade e confiabilidade. Segundo Quandt (p.139), a observação é positiva na medida em que se afasta das abordagens demasiadamente abstratas e quantitativas, para focar no campo que se propõe a pesquisar. Isso não significa dizer, contudo, que a observação deve substituir os outros métodos. Em vez disso, todos os métodos devem ser empregados em conjunto, com funções específicas na pesquisa. Assim, será possível alcançarmos uma visão alternativa da realidade, até porque ainda há vácuos metodológicos que precisam ser preenchidos.

## **PARADIGMAS E DESCOBERTAS DA PESQUISA EM JORNALISMO**

O objetivo dessa seção é apresentar os principais paradigmas e descobertas dos estudos em jornalismo e sobre jornalistas em diferentes regiões. Desse modo, são apresentados resultados sobre os Estados Unidos; a Alemanha; o Reino Unido; a África do Sul; a China, Taiwan e Hong Kong; e o México. A intenção é agregar pesquisadores que discutem abordagens e perspectivas da pesquisa em jornalismo nos seus países e no contexto da globalização. As descobertas apresentadas nesse panorama da pesquisa em jornalismo em diferentes regiões do mundo sugerem que existem semelhanças que ultrapassam as fronteiras nacionais e culturais, mas também evidenciam a existência de diferenças não apenas nas descobertas, mas também

nas abordagens teóricas e metodológicas, que são influenciadas pelas posições adotadas pelo jornalismo e pelos jornalistas em contextos diversos.

Jane Singer, então na Universidade da Iowa (p.145-157), afirma que as convenções que serviram aos pesquisadores dos Estados Unidos nas últimas oito décadas tem se tornado limitadas frente à globalização. Por isso, a autora defende a combinação entre as diversas abordagens tradicionais, através da relação entre diferentes métodos científicos de coleta de dados e a análise de dados mais holística e culturalmente baseada.

Siegfried Weischenberg, da Universidade de Hamburgo, e Maja Malik, da Universidade de Múnter (p.158-171), estudam a pesquisa em jornalismo na Alemanha frente aos desafios teóricos e empíricos que emergem das novas tendências e tecnologias da comunicação. Os autores concluem que, apesar dos debates teóricos atuais sobre a pesquisa em jornalismo do país se situarem em um nível macro, muitos estudos empíricos ainda empregam uma definição individualizada do jornalismo.

Karin Wahl-Jorgensen e Bob Franklin, da Universidade de Cardiff (p.172-184), afirmam que, embora o Reino Unido tenha as mais antigas e prestigiadas tradições em jornalismo, a pesquisa nesse campo se desenvolve de maneira lenta e dispersa entre as diversas áreas. Mas, os autores acreditam que, apesar do relativo isolamento acadêmico com relação aos outros países, a pesquisa em jornalismo britânica tem se tornado cada vez mais internacionalizada.

Arnold S. de Beer, da Universidade de Stellenbosch (p.185-196), apresenta a pesquisa em jornalismo na África do Sul e se propõe a desafiar os cismas paradigmáticos vigentes e a encontrar uma base para as mudanças da era da globalização. O autor acredita que os novos paradigmas da pesquisa em jornalismo no país serão influenciados pelo seu passado racista, o que não impedirá que os pesquisadores ultrapassem fronteiras para encontrar novas abordagens nessa era de crescente globalização.

Zhongdang Pan, da Universidade de Wisconsin, Joseph M. Chan, da Universidade de Fudan, na China, e Vem-hwei Lo, da Universidade Chengchi, de Taiwan (p.197-210), descrevem a pesquisa em jornalismo na China como subdesenvolvida. Mas, é preciso ter em mente que esse campo de pesquisa tem apenas 25 anos de história no país. No entanto, em Hong Kong e em Taiwan, a pesquisa em jornalismo tem uma longa tradição e abordou uma série de problemáticas, na tentativa de desenvolver teorias que pudessem ser aplicadas a outras regiões.

María Elena Hernández Ramírez, da Universidade de Guadalajara, e Andreas Schwarz, da Universidade de Ilmenau (p.211-224), apresentam o desenvolvimento histórico e os interesses da pesquisa em jornalismo no contexto da América Latina, com base na experiência desse campo no México. Os autores afirmam que, na América Latina, os estudos em jornalismo só emergiram como uma disciplina específica nos anos 1990, como resultado de esforços isolados. Até então, o jornalismo era considerado uma temática secundária das pesquisas em comunicação. Hoje, depois do Brasil, o México é o país latino-americano que mais desenvolve pesquisas em jornalismo. Mas, Ramírez e Schwarz (p.218) concluem que vários fatores impedem a consolidação da tradição e da formação em pesquisa com base em referenciais teóricos e em métodos de abordagem do jornalismo. As mudanças globais podem até estimular interesses institucionais pelas práticas jornalísticas, mas os esforços acadêmicos latino-americanos para a consolidação de uma tendência específica de estudo continuarão isolados por um longo período, e a influência do contexto sócio-político deverá prevalecer.

### **O FUTURO DA PESQUISA EM JORNALISMO**

Os quatro capítulos da última seção visam discutir os problemas de descrição e definição do jornalismo e dos jornalistas nos estudos do futuro. São apresentados desafios dos paradigmas tradicionais diante dos efeitos da globalização sobre o jornalismo e sobre a pesquisa em jornalismo enquanto uma disciplina. Além disso, pretende-se apontar perspectivas para os novos pesquisadores dessa área. Enfim, o objetivo dessa parte do livro é fornecer novas orientações para a pesquisa em jornalismo, que deve considerar os processos de globalização e como eles afetam todas as esferas sociais.

Ari Heinonen e Heikki Luostarinen, da Universidade de Tampere, na Finlândia (p.227-239), apontam as mudanças de natureza do jornalismo como um objeto de estudo acadêmico. Os autores propõem que, a partir da combinação dos elementos das pesquisas centradas na mídia e na sociedade, é possível desenvolver uma perspectiva multidimensional sobre o jornalismo, a qual permitirá uma reconstrução do objeto da pesquisa.

Stephen D. Reese, da Universidade do Texas (p.240-252), afirma que entender o jornalismo na era da globalização significa ir em direção a uma atualização das novas práticas noticiosas em diferentes países. Nesse sentido, o autor aponta a

emergência de uma “arena global de notícias”, uma esfera pública globalizada caracterizada pela transnacionalização das corporações midiáticas e pela disponibilidade de tecnologias que permitem a partilha de informações pelas organizações noticiosas.

Barbie Zelizer, da Universidade da Pensilvânia (p.253-266), afirma que, na era da globalização, os futuros do jornalismo e da pesquisa em jornalismo permanecerão incertos. Por isso, a autora defende que a adoção de múltiplas perspectivas é fundamental para a pesquisa em jornalismo, até porque o mundo acadêmico ainda não produziu um material que reflita a realidade do jornalismo, nem um corpo de pesquisadores familiarizado com as investigações desse campo.

No capítulo que aborda o ensino em jornalismo na era da globalização, Mark Deuze, da Universidade de Indianápolis (p.267-281), afirma que, embora a literatura acadêmica focada no jornalismo venha se expandindo nos últimos anos, estudos em jornalismo teoricamente embasados e dirigidos empiricamente ainda são raros. É essa deficiência que o autor se propõe a estudar conceitualmente, através de uma síntese das pesquisas sobre o ensino em jornalismo realizadas em diferentes países. É possível notar que as escolas e os programas de ensino do jornalismo tem passado por transformações muito rápidas em todo o mundo, o que tem apresentado ao ensino do jornalismo grandes desafios no desenvolvimento de um processo de adaptação e mudança.

Nesse contexto, a única certeza que temos, a partir das afirmações dos autores, é que com base em tópicos interdisciplinares através dos quais possamos pesquisar o jornalismo, poderemos encontrar uma maneira mais ampla de reconsiderar muitos dos estudos acadêmicos existentes. Isso pode nos apontar novas direções para o futuro da pesquisa em jornalismo, direções essas que podem sugerir novas perspectivas para os desafios globais que se apresentam aos pesquisadores na contemporaneidade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No contexto “glocal” da sociedade contemporânea, caracterizada pela crescente interdependência entre o local e o global, o futuro da pesquisa em jornalismo preconizado pelos diferentes autores não será restrito ao estudo das práticas nas instituições jornalísticas convencionais, às tradicionais localizações geográficas dos países, às tradições disciplinares isoladas, ou apenas à prática do jornalismo sem levar em conta a educação e a socialização dos jornalistas. Todas as pesquisas em jornalismo devem acontecer em um cenário que transcende as fronteiras nacionais e culturais.

Por isso, as estruturas e as funções do jornalismo enquanto uma instituição social, assim como as opiniões e comportamentos individuais dos jornalistas, devem ser explicados através de diferentes níveis e os métodos utilizados devem ser, sempre que possível, combinados, especialmente com uma perspectiva comparativa. Porém, a hibridização de métodos não deve ser confundida com a defesa do apagamento das diferenças entre as metodologias existentes, até porque cada metodologia tem um referencial teórico próprio, muitas vezes, incompatível com o das outras. Em outras palavras: não se trata aqui de uma combinação entre metodologias, e sim entre procedimentos e técnicas.

Além disso, as regras e categorias da pesquisa em jornalismo devem ser reexaminadas à luz da crescente globalização. No capítulo final, Weaver e Löffelholz (p.294) destacam também que não podemos ignorar as contribuições de outras disciplinas, as quais devem ser incorporadas às pesquisas em jornalismo, na medida em que esse campo se torna cada vez mais internacionalizado e interdisciplinar. Essas são tarefas difíceis, mas fundamentais para que alcancemos uma compreensão mais holística do complexo processo do jornalismo contemporâneo e dos jornalistas que o produzem.

**JULIANA FERNANDES TEIXEIRA** é Mestranda do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.